

Fátima Mesquita

# Piratas



Ilustrações

Marcelo Pacheco

Sattu



Copyright © 2008 Fátima Mesquita

**Supervisão Editorial**

Marcelo Duarte

**Assistente Editorial**

Tatiana Fulas

**Projeto Gráfico e Diagramação**

A+ Comunicação

**Assistente de Pesquisa**

Dodora Mesquita

**Preparação**

Cristiane Goulart

**Revisão**

Telma Baeza G. Dias

Cristiane Goulart

**CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

M544a

Mesquita, Fátima.

Piratas. Os personagens mais terríveis da História. Fátima Mesquita. – 1ª.ed. – São Paulo : Panda Books, 2008.

1. Piratas – Literatura juvenil. 2. Corsários – Literatura juvenil. 3. Vikings – Literatura juvenil. I. Título.

---

07-0613

CDD 364.16409  
CDU 343.712.2(09)

2008

Todos os direitos reservados à

**Panda Books**

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Este livro vai se espalhar por aí, dedicado às criaturas  
que mais me fazem rir hoje em dia: meus sobrinhos  
Lucas e Ollie, e os gêmeos Nicholas e Victor.



# Sumário

|                               |            |
|-------------------------------|------------|
| Verdades mutantes             | <b>6</b>   |
| Aviso aos navegantes          | <b>7</b>   |
| Grécia e Roma                 | <b>9</b>   |
| Os <i>vikings</i>             | <b>15</b>  |
| Os piratas medievais          | <b>25</b>  |
| Os corsários turcos           | <b>31</b>  |
| Os piratas britânicos         | <b>43</b>  |
| Os bucaneiros                 | <b>51</b>  |
| Os piratas do Caribe          | <b>63</b>  |
| Os piratas dos Estados Unidos | <b>93</b>  |
| Os chineses e seus vizinhos   | <b>101</b> |
| Ataques de piratas no Brasil  | <b>107</b> |
| Os piratas modernos           | <b>125</b> |

# Verdades mutantes

**S**empre gostei de fazer prova na escola que tinha questões de CERTO ou ERRADO, FALSO ou VERDADEIRO. E sempre me irritei porque, na vida fora da sala de aula, parece que as respostas para questões desse tipo não são assim tão fáceis de encontrar. Veja só: todo mundo concorda que matar outro ser humano é errado. Mas todo país se mete em guerra e mata gente. E é difícil engolir as desculpas. Será que eles não estudaram a matéria?

O que parece acontecer é que a idéia do que é certo e errado pode ser mutante, pode mudar o tempo todo. Como se fossem aquelas figurinhas que vêm de brinde dentro de saco de batata frita e que mostram um bicho numa posição assim e depois noutra bem assada.

Foi o que ocorreu, por exemplo, com a escravidão. Enquanto era lucrativo e interessante, vários povos acharam que não havia nada errado em escravizar. Mas, de repente, aquilo parece ter perdido a utilidade. Todo mundo mudou de idéia. E foi assim também com a pirataria. Enquanto ela enchia os cofres do governo, era bacanuda, coisa de corsário, de heróis. Quando ela esvaziava o cofre do mesmo governo, aí era coisa de bandido. Confuso, né?

O certo é que as idéias do que é certo e errado podem mudar, de acordo com o tempo e os interesses, a perspectiva de quem conta o caso. A gente tem de se adaptar e acompanhá-las. Precisa ficar esperto e entender o que está dito e escrito e o que está escondidinho entre as palavras, nas entrelinhas.

Pois este livro trata disso: de como bandidos foram tratados, muitas vezes, como heróis. E de como gente que às vezes só queria vender e comprar coisas foi tratada como bandido. É então sobre piratas, pixilingues, vikings, filibusteiros, corsários e os nojentos, ops, os respeitáveis contratantes desses ladrões.



# Aviso aos navegantes

**D**urante o livro todo uso sem medidas a palavra pirata (e umas variantes que invento) para me referir a todo e qualquer tipo de atacante de navios. Mas você vai notar que há nomes específicos dados a esses bandidos em diferentes épocas e locais e também de acordo com, digamos, o estilo de ação deles. Eu achei que seria prático ter esse esclarecimento aqui, de modo que, se no meio da leitura deste lindo, maravilhoso, fantástico e educativo livro, pintar alguma dúvida, você pode vir aqui, fácil-fácil para matar a duvidosa num segundo, dando uma relida na definição das palavras corsário, bucaneiro, filibusteiro e ainda na expressão Piratas do Caribe. Olha aí:

## **Corsários**

tinham autorização do governo para atacar navios mercantes ou não de outros países.

## **Piratas do Caribe**

são mais ou menos da mesma fase dos filibusteiros, mas atacavam na mesma área dos bucaneiros.



## **Filibusteiros**

piratas dos Estados Unidos dos séculos XVII e XVIII.

## **Bucaneiros**

eram os piratas das Antilhas que atacaram entre os séculos XVI e XVII.





# **Grécia e Roma**



# Animus furundi

(quer dizer “com a intenção de roubar”, em latim)

**S**e tem uma coisa certa é o fato de a pirataria ser um treco antigo, mas muuuuito antigo mesmo. Naquela tal Antiguidade da Grécia e de Roma, por exemplo, esse estilo de bandidagem já corria solto. Tanto era assim que os gregos foram os primeiros a dar nome àqueles encrenqueiros, chamando os sujeitos de *peirates* – que mais soa como um peido pirateado, hein?

Na Grécia, os fulanos adoravam atacar embarcações que davam bobeira no mar Egeu, porque o lugar é cheio de ilhotinhas e cantinhos perfeitos tanto para emboscada como para esconderijo. Além de limpar o carregamento de qualquer barcarola que desse mole, os bandidos do mar gostavam de atacar vilas: roubavam tudo e seqüestravam as pessoas para depois pedir resgate, ou ainda vendê-las como escravos.



No século XVII, o famoso padre jesuíta **Antônio Vieira** escreveu o “Sermão do bom ladrão”. No texto, ele repete o que um pirata teria dito ao grande Alexandre: “Eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão; e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador”.

O alvo predileto dos greguinhos da piratagem eram comerciantes fenícios navegando carregados de prata. Mas, na prática, eles não perdoavam nada, nem barquinho meia-boca de pescador chulé. Mesmo porque todo mundo podia virar escravo, e escravo era sinônimo de altos lucros.

Quem começou a dar um chega-pra-lá na pirataria grega foi Alexandre, o tal do Grande. Aí a coisa foi declinando, caindo, murchando, até deixar de ser o pavor que era antes. Esses bandidos só voltaram mesmo com força quando Roma entrou em uma série de guerras com Cartagena nos séculos III e II a.C., porque, nessa pendenga, os dois lados deram de comissionar salteadores para atacar o inimigo aqui e ali.